

humanitas

139

O INFERNO SOU EU

A EXTERIORIZAÇÃO OU A
PROJEÇÃO DA SUBJETIVIDADE
NO OUTRO COMO FUNDAMENTO
DE TODO TIPO DE PRECONCEITO

EDITORA
escala

ANO XIV - 2020

EDIÇÃO 139 - PREÇO R\$ 20,00

ISSN 2675-5762

0.0139

9177267546260001

FILOSOFIA, ARTE E CIÊNCIA PODEM SER ALIADAS NA DEFESA DA VIDA,
ALÉM DE INGREDIENTES QUE PRESERVAM A SAÚDE MENTAL

FAKE NEWS
O PARADOXO
DA SOCIEDADE DA
INFORMAÇÃO QUE FOI
INCAPAZ DE PROMOVER
A FORMAÇÃO

EPOPEIA SOCIALISTA
A VOZ DOS OPRIMIDOS PELO
REGIME CZARISTA QUE
SINALIZOU MUDANÇAS NA
UNIÃO SOVIÉTICA APÓS A
REVOLUÇÃO DE 1917

INFORMAÇÃO SEM FORMAÇÃO

O advento das *fake news* pode ser o paradoxo de uma sociedade da informação que foi incapaz de promover a formação. E quanto mais um indivíduo é desprovido de senso crítico e reflexivo, mais influenciado ele se torna

POR FÁBIO ANTONIO GABRIEL

Roselaine Bolognesi é doutora em Educação pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e mestra em Ciências Sociais pela UEL (Universidade Estadual de Londrina). Atualmente é professora e pesquisadora na Faculdade Santa Lúcia, de Mogi Mirim-SP. É também professora de Sociologia da rede estadual de São Paulo, na cidade de Campinas. Em 2014 lançou o livro *O discurso de Althusser sobre educação e sua repercussão no Brasil* (Ed. Arte Escrita), no qual apresenta os resultados da sua tese de doutorado.

Em 2020 publicou, como um dos organizadores, o livro *Docência: o processo do aprender e o*

processo do ensinar (Ed. Pedro&João). Suas pesquisas se concentram, atualmente, em pensar a Educação a partir de uma perspectiva mais sociológica e filosófica, recuperando conceitos e teorias clássicas à luz das questões mais contemporâneas. Outra problemática central nos seus estudos tem sido refletir sobre os processos do ensinar e do aprender no contexto da sociedade brasileira a partir das suas experiências como docente.

Nesta entrevista concedida à Humanitas, Bolognesi fala sobre o paradoxo da sociedade da informação que não promove a formação e que possibilitou o advento das *fake news*. Confira a seguir.



© ACERVO PESSOAL

Humanitas: Vivemos em tempos em que há muita informação e pouca formação que habilite para um conhecimento justificado com bons argumentos científicos. A que se deve esse fenômeno, na sua visão?

Roselaine Bolognesi: Penso que tal entendimento demanda uma compreensão mais complexa do contexto histórico, social e cultural no qual esse fenômeno se manifesta. No caso do Brasil, particularmente, é comum o desdém pelo conhecimento, especialmente porque somos um país em que o ensino superior ainda é realidade para pouco mais de 20% dos cidadãos e a qualidade da educação está longe do desejável. Estudar, pensar, criar, reinventar é estranho e ameaçador para aqueles que estão excluídos do processo do aprender, especialmente do aprender a pensar. Cada dia mais as informações veiculadas na *internet*, redes e mídias sociais, em geral, parecem suficientes para muitos que, excluídos do processo educacional, optem por

desvalorizar e rechaçar o conhecimento científico e filosófico, talvez com o intuito subjetivo, superficial, consciente ou inconsciente de sentir-se menos excluído, ou “menores” diante da grandiosidade dos conhecimentos produzidos pelas ciências em geral, pela seriedade, complexidade e profundidade da filosofia. Esse processo, todavia, não é espontâneo, mas está articulado a interesses econômicos e políticos que se beneficiam da ignorância e possuem um poder de influência social muito forte sobre as subjetividades, um poder que se ampliou muito com os novos meios de comunicação de massa.

Por que no Brasil que vivemos há tanta facilidade para a divulgação de *fake news*, considerada a conjuntura nacional contemporânea?

Este problema está muito associado, no meu entendimento, à predisposição subjetiva que os indivíduos possuem em acreditar naquilo que lhes parece

mais conveniente. Estudos já demonstraram que uma notícia falsa se espalha em uma velocidade muito maior do que as notícias verdadeiras. Infelizmente, a verdade não é interessante para muitos. Desde a minha graduação estudo muito sobre Análise do Discurso e fui levada a refletir sobre os processos de interlocução, produção de sentidos e como tais são influenciados pelo contexto histórico, social e ideológico de sua produção. Tais reflexões remetem a pensar sobre o fato de que o contexto de produção de um discurso e o contexto de sua recepção influenciam muito na produção de sentidos e significados. Cada sujeito, seja como autor, seja como leitor, também significa o que escreve e o que lê a partir de suas condições materiais de existência. Nos meios digitais observo que não importa mais a autoria do texto ou a credibilidade de quem escreve ou diz, mas somente quem compartilha e a mensagem que é dita, além do quanto ela é conveniente ou não aos interesses subjetivos de cada um. O problema é que nenhuma fala ou dizer é livre de interesses, e quem produz tais notícias falsas o faz com determinados interesses pessoais, políticos ou ideológicos, buscando influenciar no senso comum e nas opiniões individuais. E quanto mais o indivíduo é desprovido de senso crítico e reflexivo, mais influenciado ele pode ser. Infelizmente falta discernimento intelectual até mesmo no que diz respeito à diferença entre informação e conhecimento, e isso, atrelado ao desdém e à desvalorização social que há no Brasil no que diz respeito à educação, constitui terreno fértil para a desinformação.

“CADA DIA MAIS AS INFORMAÇÕES VEICULADAS NA INTERNET, REDES E MÍDIAS SOCIAIS, EM GERAL, PARECEM SUFICIENTES PARA MUITOS QUE, EXCLUÍDOS DO PROCESSO EDUCACIONAL, OPTEM POR DESVALORIZAR E RECHAÇAR O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E FILOSÓFICO”

Pode exemplificar?

Atualmente, nada parece mais ousado do que pensar para além das aparências. Cada dia mais, saber distinguir entre o “verdadeiro” e o “falso” se torna uma atitude pessoal e profissional estratégica. Precisamos de conhecimento para admirar a beleza do simples e a complexidade do aparentemente banal e comum da vida, dos desafios e sofrimentos cotidianos. É como se a nossa visão estivesse ofuscada pelo excesso de informações e estímulos a que estamos expostos nestes tempos de “modernidade líquida”, como tão bem nos alerta Zygmunt Bauman (em entrevista ao jornal *El País*) “[...] as redes sociais são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha”. Por isso, temos que compreender melhor como essa influência poderosa das redes e mídias sociais ocorre, para resistirmos ao seu poder e potencializarmos um futuro eticamente mais humano.

A pandemia, na sua visão, contribuiu para as pessoas repensarem valores

essenciais para fundamentar a existência no seu modo de entender?

Penso e desejo subjetivamente acreditar que sim, que as pessoas, a humanidade pode aproveitar esta oportunidade para repensar o seu modo de existir, especialmente a sua relação com o meio ambiente, as relações de trabalho e os valores fundamentais da vida. Provavelmente alguns farão isso e alguns países se repensarão nesse sentido. Todavia, quando observo mais racionalmente a realidade e penso na influência poderosa do poder econômico, nas grandes de-

sigualdades que temos no mundo e no Brasil e as tendências políticas autoritárias e conservadoras que ganham terreno na política e na vida social, sou racionalmente inclinada a dizer que poucos conseguirão extrair aprendizado disso tudo. É provável que as desigualdades fiquem mais escancaradas, todavia os meios para superá-las tornem-se menos efetivos e as democracias, mais ameaçadas. Me sinto intelectualmente pessimista, mas ainda acredito na força potencial de resistência que sempre pode emergir disso tudo. Já vimos isso ocorrer no passado e acredito muito na força e no poder do conhecimento para romper com as amarras do presente.

Como professora de sociologia, qual ou quais sociólogos poderiam ajudar as pessoas a melhor compreender a sociedade em que estamos inseridos?

A sociologia é uma ciência fundamental para compreendermos racionalmente a nossa realidade social. Como professora de sociologia, faço questão que os meus alunos conheçam as diferentes correntes de pensamento e interpretações existentes, mas é claro que isso é muito difícil, diante de tanto conhecimento já produzido e da complexidade do real. Os clássicos são sempre importantes, a exemplo de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, porém, a partir da influência desses pensadores, surgiram reflexões e estudos muito importantes no exterior e mesmo no Brasil. Destaco Pierre Bourdieu e a sua obra *O Poder Simbólico*, Boaventura de Sousa Santos e o belo texto intitulado *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Provavelmente serei injusta com muitos intelectuais brilhantes, mas penso que Zygmunt

“O PROBLEMA É QUE NENHUMA FALA OU DIZER É LIVRE DE INTERESSES, E QUEM PRODUZ TAIS NOTÍCIAS FALSAS O FAZ COM DETERMINADOS INTERESSES PESSOAIS, POLÍTICOS OU IDEOLÓGICOS, BUSCANDO INFLUENCIAR NO SENSO COMUM E NAS OPINIÕES INDIVIDUAIS”

Bauman é hoje uma leitura obrigatória. Sugiro especialmente as obras *Modernidade Líquida*, *Amor Líquido* e *Vida para o Consumo*. Um texto que reli recentemente foi *O Povo Brasileiro*, do pensador brasileiro Darci Ribeiro, que indico pela atualidade das problemáticas apresentadas e por oferecer um entendimento sobre a formação étnica e cultural do Brasil.

Recentemente tivemos grandes queimadas na Amazônia e no Pantanal. Como analisa esse desrespeito sistêmico para com o meio ambiente?

Sinto-me profundamente triste com esse desrespeito ao meio ambiente. Hoje a humanidade tem conhecimento do quão limitados são os recursos naturais e sobre as mudanças climáticas produzidas por este modelo econômico voltado essencialmente para a acumulação do capital e o estímulo ao consumo. Trata-se de um modelo incompatível com a própria sustentabilidade do capitalismo e a possibilidade de as gerações futuras proverem a sua existência. É urgente a necessidade de essa relação ser modificada e o nosso modo de vida repensado. Temos cada vez mais coisas e nos sentimos cada vez mais tristes. Hoje já sentimos falta do contato com a natureza e da contemplação das belezas do mundo que nos faz lembrar que ainda somos humanos. É urgente a humanidade assumir que esse é o principal dilema existencial deste século.

Quais são os caminhos que podem nos guiar na superação da crise econômica que vivemos com o advento da pandemia do Coronavírus?

Como socióloga, e a partir dos estudos e pesquisas existentes na sociologia, vejo que o único caminho possível é repensar o modelo econômico neoliberal e compreender, de forma racional, que a concentração de renda e as desigualdades sociais tornam insustentáveis as políticas econômicas que só favorecem os especuladores ou o chamado capital financeiro. A desigualdade de renda vem aumentando muito e a qualidade dos serviços públicos e os direitos sociais, diminuindo. É uma contradição muito evidente para ser negligenciada.

Há pouco tempo no Brasil vimos o aumento do preço do arroz. Podemos entender que Adam Smith estava equivocado de que a mão invisível da concorrência regularia a bom termo o valor dos produtos pelas regras da oferta e da procura?

A pandemia do Coronavírus demonstrou o quanto o Brasil é um país desigual e como o Estado é muito importante. Os empresários precisaram do Estado, os cidadãos precisaram do Estado. Por isso, penso que o caminho é colocar o Estado a serviço da sociedade. Quando Adam Smith concebeu a teoria da mão invisível do Estado e apresentou as bases teóricas do capitalismo, ele falava em um capitalismo de livre concorrência justa. Ele falava de uma noção idealizada de mercado onde haveria uma tendência ao equilíbrio entre preço, oferta e demanda. Não se tratava, portanto, do capitalismo monopolista que vemos avançar no mundo hoje. Para ele, em uma estrutura econômica de concorrência perfeita, ou seja, onde não há monopólio, oligopólios ou distorções, talvez o Estado fosse menos necessário. Talvez Smith tenha sido ingênuo em acreditar que a ética poderia prevalecer no capitalismo e que os interesses egoístas não fossem capazes de ter a influência que possuem hoje na economia mundial.

© ACERVO PESSOAL



“A EDUCAÇÃO É UM PROCESSO SISTEMÁTICO, COMPLEXO E IMPORTANTE DE MAIS PARA SER ASSUMIDO SOZINHO PELAS FAMÍLIAS”

Antes da pandemia, muitos defendiam o ensino pela própria família, em casa, para aqueles que optassem por essa modalidade de estudo. Como você avalia tal realidade após a experiência da pandemia?

Penso que muitas famílias tiveram, com a pandemia, a oportunidade de perceber que ensinar não é algo simples, nem fácil, e que os professores precisam ser socialmente e economicamente mais valorizados. A educação é um processo sistemático, complexo e importante demais para ser assumido sozinho pelas famílias. Quero acreditar que muitos pais passarão a ter mais respeito pelos professores e que a participação da família na escola possa aumentar. A minha esperança é a de que a educação receba a atenção e a valorização que merece. **hmt**

FÁBIO ANTONIO GABRIEL é doutor em Educação pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa) e licenciado em Filosofia. www.fabioantoniogabriel.com